

Aparentemente opostos

Quando a dor e o prazer estão intimamente interligados

ADRIANA GÓES, CASSIANA MELLO, FERNANDA FIGUEIREDO E SABRINA PANZERA

No malmente o prazer é associado a uma sensação boa, a algo positivo. Mas como fica essa relação quando para se atingir esse estágio de graça é preciso passar por algum processo doloroso, seja ele físico ou psíquico? Será que neste caso os fins realmente justificam os meios? Afinal, como algo que nos faz sentir dor pode ser prazeroso?

Apesar da aparente contradição entre os termos, a busca pelo prazer parece ser a meta final das experiências que envolvem dor. Invadindo-se o campo relacional da associação entre os opostos, encontram-se o sadomasoquismo, as cirurgias plásticas, a depilação, os *piercings*, as tatuagens e até o parto.

Apesar das dores serem distintas para cada um dos exemplos e para cada um que passa por elas, o objetivo parece ser sempre o mesmo: alcançar o prazer, seja ele sexual, estético, emocional ou até mesmo social.

Além das fronteiras do sexo – O sadomasoquismo

Tapas, chicotadas, mãos algemadas, boca amordaçada. Pode parecer tortura, mas no campo da sexualidade tais práticas podem adquirir novo significado e ser caracterizadas como prazerosas.



Aplicação de um piercing

No sadomasoquismo, o que está em jogo são questões de poder, de domínio, utilizadas na obtenção do prazer. Para o psicanalista Armando Colognese Júnior, o sadismo e o masoquismo (como também o voyeurismo e o exibicionismo) configuram um par antitético, ou seja, não se opõem de todo, mas também não necessariamente se completam. “As características essenciais do sadomasoquismo são a humilhação e o domínio. O verdadeiro relacionamento sadomasoquista requer dominar e humilhar o outro, escolhido como parceiro, e não um jogo erótico combinado,

acertado previamente”.

Segundo o psicanalista, um sádico escolhe alguém que se mostra controlador e até com atitudes de superioridade, enquanto o masoquista prefere parceiros que se mostram controlados quanto à própria agressividade, pessoas que até temem ser agressivas. “O prazer do sádico será ver seu parceiro humilhado, ‘quebrando’ esse controle e se colocando em um papel submisso, subjugado, dominado – o que de fato causaria um verdadeiro sofrimento psíquico que pode ser pior do que muitas dores físicas. Já o prazer do masoquista, ocor-

rerá quando seu parceiro, descontrolado e agressivo – mesmo não querendo tê-lo – reagir. Os dois ‘gozam’ ao ver a dor, a submissão e a subjugação do outro. Mesmo que sejam, de alguma forma, agredidos”, concluiu o psicanalista.

A procura por objetos característicos do sadomasoquismo também contribuiu para o crescimento do comércio que envolve produtos de sexo. Para Joseir Esteves, vendedor do Sexy Rose, um *sexshop* do centro do Rio de Janeiro, não existe um perfil traçado de consumidor na procura por objetos. “Não existe um público fixo, mas a maioria se diz heterossexual”, ressalta. Segundo o vendedor, os produtos mais procurados são algema, chicote, máscara e mordança. A loja também possui uma área reservada com cabines que exibem filmes eróticos, um quarto escuro e um bar.

Pela continuidade da vida – A dor do parto e o prazer de ser mãe

O nascimento de um filho representa a transformação da dor em muitos momentos de prazer e alegria. Como descrever a emoção de ser mãe pela primeira vez? Tanto aquelas que já tiveram filhos há muito tempo, como as que acabaram de passar pela experiência, descrevem o instante como se o estivessem vivendo novamente, com a mesma intensidade. Os olhos chegam a brilhar e a se encher de lágrimas. Essa é realmente uma emoção que só pode ser contada por quem já passou pela vivência.

Muitas mulheres sonham em ser mãe desde crianças. A estudante Selma Cristina Silveira, de 23 anos, sempre cresceu pensando em ter um filho, mas não esperava que ele viesse tão cedo. Além disso, o parto a amedrontava. “Quando descobri que estava grávida fiquei desesperada, pois uma gravidez indesejada, no auge da minha juventude, transformaria a minha vida e ainda tinha o medo de sentir dor, o que me deixava em pânico”, declara Selma.

Mas essas angústias e aflições de uma mãe de primeira viagem sumiram no momento em que nasceu Matheus – hoje com três meses. “O medo me acompanhou até a hora em que entrei no centro cirúrgico. Quando tomei a anestesia, comecei a sentir sensações estranhas, não conseguia me movimentar da cintura para baixo. Percebi que estava pronta para dar à luz e esperar ver o meu bebê. O momento em que ele foi tirado da minha barriga foi emocionante, era um instante que se eternizava no meu pensamento”, confessa a mamãe.

Não importa a idade, nem a quantidade de filhos, ser mãe é sempre uma experiência intensa. A dona-de-casa Maria José Sertã, de 79 anos, teve 14 filhos, todos de parto normal. A cada parto a alegria foi diferente. “Os três primeiros filhos foram mais emocionantes. Os outros foram proporcionando uma emoção mais moderada. Até porque eu já começava a ter uma certa preocupação com o nascimento dos outros filhos”, declara. Há 59 anos, quando nasceu seu primeiro filho, faltava informação



Compradora experimenta algemas

sobre anticoncepção e havia a influência da Igreja Católica, que não aprova o controle da natalidade.

Maria José concorda que ser mãe é uma experiência maravilhosa, mas ela não planejava ter tantos filhos. Não tomava pílula, pois acreditava estar sempre no início de uma nova gravidez e temia causar algum problema para a criança. “Com certeza o prazer de ter um filho compensa a dor do parto. Hoje não me arrependo, mas sei que poderia ter tido menos filhos. Não havia tempo para dar muita atenção a cada um, já que o intervalo de uma gravidez para a outra era de meses. Acho também que isso serviu de exemplo para meus filhos e netos, que hoje têm no máximo três filhos”, conta Maria José.

Em nome da beleza (a estética)

Quando entramos no mundo da estética, a relação entre dor e prazer fica ainda mais patente. Em nome da elevação da autoestima, ferida pela cobrança de padrões singulares de beleza impostos pela sociedade, as mulheres, em especial, se submetem a procedimentos no mínimo incômodos. Os tratamentos voltados à beleza não são poucos, nem



Primeiro encontro de Selma e Matheus

baratos ou indolores. Vão desde uma simples depilação de cera até uma cirurgia de lipoaspiração, por exemplo.

Basta assistir a uma sessão de depilação em qualquer salão de beleza para conferir o quanto as mulheres sofrem, não só para manter a higiene pessoal como também para se encaixar na fórmula do ideal estético. É o que garante Paula Oliveira, de 23 anos, que vai ao salão pelo menos uma vez ao mês para fazer depilação e delinear a sobrancelha. "Acho que retirar os pêlos do corpo é higiênico e deixa a mulher mais feminina, mais sensual e isso vale qualquer sacrifício", declara a estudante de fisioterapia, que passa cerca de três horas por mês sofrendo com a retirada de cada pelinho das pernas, axilas e virilha.

A conexão que a sociedade contemporânea faz entre beleza e felicidade tem como resultado a procura cada vez maior por cirurgias plásticas. Em busca de acertos minuciosos no corpo,

toma-se como base o "manual" de beleza escrito e reafirmado todos os dias pela mídia em geral. Este é o caso da ginecologista Wágida Cardoso, de 30 anos, que há cerca de dois anos se submeteu, em uma mesma cirurgia, a uma lipoaspiração e a um implante de prótese de silicone nos seios. "Após o parto do meu filho, fiquei com umas gorduras a mais, então decidi fazer a lipoaspiração. Aproveitei para emendar o implante de silicone porque sempre achei meus seios pequenos e não me sentia feliz com eles", diz ela.

Mas nem sempre a realização de uma cirurgia é a solução mais adequada e mais satisfatória. Wágida conta que no pós-operatório sentiu dores que poderiam ser comparadas às de um parto. Segundo ela, não valeu a pena ter passado por todo esse sofrimento porque, embora à primeira vista o prazer de ver o corpo com contornos perfeitos tenha sido muito compensatório, com o tempo percebeu que ele é ilusório. "É preciso analisar muito bem antes de se optar por uma cirurgia plástica, porque nem sempre a satisfação com o resultado é permanente, tampouco vale o dinheiro e a dedicação investidos. Faria tudo de novo no caso da prótese de silicone, mas não outra lipoaspiração", afirma Wágida.

Vale ressaltar que não são poucos os cuidados que se deve ter no período após a cirurgia. No caso da lipoaspiração, o cirurgião plástico André Gonçalves de Freitas recomenda evitar esforços por 30 dias, não se expor ao sol pelo menos por oito semanas,

andar a passos curtos e evitar o fumo pelo menos até 15 dias depois da cirurgia. Ele ainda acrescenta que é comum o aparecimento de edemas (inchaço) e equimoses (manchas roxas), que se resolvem sozinhos em cerca de 21 dias.

Quanto às possíveis complicações, o cirurgião afirma que elas são raras, mas podem acontecer hematomas, seromas (acúmulo de líquido), irregularidades, infecções, trombozes e acidentes durante a cirurgia. André ainda destaca que o resultado final pode ser constatado somente após seis meses, embora atinja os 80% no quarto mês.

Mas afinal, após tantos procedimentos cautelosos e dolorosos, será que realmente o prazer de se ver mais bonita supera qualquer dor e sacrifício? Esta é uma questão que não deve ser esquecida quando se pensa em adotar um tratamento estético em nome do aperfeiçoamento de algum detalhe do corpo.

A mudança da natureza humana - Piercings e tatuagens

Outras formas de obtenção de prazer que implicam dor são as tatuagens e os *body piercings*. Os dois rituais são tradições milenares comprovadas pela história e pela antropologia. Por exemplo, a múmia mais antiga do mundo, encontrada em 1991 na Itália e datada de 5.300 anos antes de Cristo, tinha tatuagens acompanhando toda a espinha dorsal, além de uma cruz em uma das coxas e desenhos tribais por toda a perna.

Há uma lenda de que, nos primórdios, marcas involuntárias adquiridas em guerras, lutas corporais e caças geravam orgulho e reconhecimento ao homem que as possuísse, pois eram expressões naturais de força e sobrevivência aos perigos. O homem, então, partindo da idéia de que as marcas na pele seriam um sinônimo de diferenciação e *status*, passou a marcar-se voluntariamente, fazendo ele mesmo ferimentos pelo corpo. Com o passar do tempo, deu-se espaço para a criação de desenhos, utilizando-se tintas vegetais e espinhos para imprimi-los sobre a pele.

Nos dias atuais, as coisas mudaram, mas nem tanto assim. A tatuagem e o *piercing* podem representar uma demonstração de originalidade e uma vontade de ultrapassar limites da chamada “normalidade”, a fim de se pertencer a um grupo. Segundo a psicóloga Cleives Vidal, no caso da tatuagem e do *piercing*, o indivíduo os faz por uma necessidade de aceitação, de pertencimento, de mudança; por uma vontade de transgressão ou por insegurança. “Ele se submete a este processo doloroso, porque precisa pertencer a algum grupo ou modismo. A dor aí não importa tanto, porque ele precisa se posicionar”, declara.

A tatuagem também está intimamente ligada a modismos e à estética, assim como a grupos alternativos, como os metaleros ou os *punks*. Ainda há pessoas com estes adornos pelo corpo que podem sofrer algum tipo de preconceito. Segundo o designer Ro-

mano Maciel, carioca de 30 anos, isto acontece mais frequentemente quando se tem muitas “coisas desenhadas ou penduradas em si mesmo”. Ele já sentiu na pele o que é ser olhado de forma diferente na rua.

Romano confessa que sentiu dor na hora de fazer os mais de quarenta desenhos que possui. “Em alguns lugares, a dor é quase insuportável, como na parte interna do braço, na costela e perto da virilha. Mas eu penso que é parte do processo, afinal, você está se marcando com algo que é para vida toda. Se não tiver dor, não tem graça. É legal a gente lembrar como foi fazer cada desenho, incluindo a dor”, diz. Ele explica que começou a se interessar pelo assunto aos 19 anos, quando fez a primeira tatuagem: a figura de uma índia no braço esquerdo. Hoje, são quarenta e três tatuagens, como caveiras, notas musicais, panteras, tribais... tudo bem variado.

O *body piercer* (pessoa que aplica os adornos) Anderson Coutinho, de 22 anos, também pensa que a dor faz parte do pacote quando se faz uma tatuagem ou um *piercing*. Ele conta que não pára para pensar na dor antes de se perfurar. “Se não houver a dor, a pessoa não dá o valor merecido”. Ele já teve 14 *piercings*. Hoje tem 11, porque enjoou de alguns e os retirou. São peças espalhadas pelo corpo todo: língua, rosto, orelhas e mamilos.

Anderson diz que os furos nos mamilos foram bem doloridos. Assim como a chamada “expan-



Adeptos exibem seus desenhos

são de *piercing*” (alargamento dos furos nas orelhas por meio do uso de brincos redondos de raio cada vez maior) que ele fez nas orelhas. “A média de expansão é de oito a dez milímetros. O meu é bem largo, hoje estou com 18 milímetros. A pessoa tem que ir fazendo aos poucos. A primeira que eu fiz foi de 1,6 mm para 5 mm. De lá para cá, venho expandindo um pouco mais a cada ano”. Anderson esperou completar dezoito anos para colocar os adornos no corpo.

Ele afirma que o fez por achar que combinava com seu estilo de ser e não por questões de modismos. Na hora de aplicar os *piercings* em outras pessoas, revela que já viu de tudo: aqueles que realmente desistem ou que nunca pensam em fazer por causa da dor, estes só vão para acompanhar e encorajar os amigos. Há também os que fazem, mas choram, gritam e têm até queda de pressão. Porém, o resultado é quase sempre igual. Assim que terminam de colocar o *piercing*, os clientes ficam extasiados e “demonstram grande sensação de prazer”, garante. **E**